

TRADIÇÃO DO CULTIVO DA UVA NIAGARA NO ESTADO DE SÃO PAULO¹

Priscilla Rocha Silva²

Adriana Renata Verdi³

Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco⁴

Celma da Silva Lago Baptistella⁵

1 - INTRODUÇÃO

A uva Niagara (*Fox Grape*, uva rústica, uva comum) é uma variedade originária dos Estados Unidos da América (EUA), pertencente à espécie *Vitis labrusca*. Teve origem em 1868 a partir do cruzamento das variedades *Labrusca concord x cassady*.

A fruta é consumida tanto *in natura* como na forma de geléias, sucos e vinhos. Normalmente, quando comercializada *in natura*, o consumo realiza-se próximo a regiões produtoras, pois é altamente perecível, característica que inviabiliza sua exportação.

Comumente cultivada nos EUA, nos Estados de Nova Iorque, Pensilvânia, Michigan, Washington D.C. e Ohio, sendo grande o consumo na forma de suco. É produzida em larga escala também no Canadá, Nova Zelândia e Brasil.

No Brasil, a variedade Niagara Branca foi introduzida em 1894, disseminando-se na região de Jundiaí. Em 1933 surge em Jundiaí, no então bairro de Louveira, por mutação somática em um pé de Niagara Branca, a Niagara Rosada que, em menos de dez anos, conduziu radical transformação na estrutura vitícola paulista (SOUSA, 1969). Houve então declínio da produção de Niagara Branca, substituída aceleradamente pela sua mutação Rosada e foi estabelecido, em conseqüência, o perfil do vinhedo bandeirante, o maior centro produtor de uva de mesa do Brasil.

O desenvolvimento da produção de uva no Estado de São Paulo contou com a influência da colonização italiana, dos seus costumes, seus conhecimentos técnicos tradicionais sobre o manejo das videiras e do trabalho em família.

Comprovando a tradição vitícola da região, em meados da década de 1940, Homem de Melo (1945) dividiu o Estado de São Paulo, de acordo com a produção comercial da uva, em 5 zonas:

Zona 1 - composta por propriedades localizadas ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil, entre os municípios de São Paulo e Mogi das Cruzes;

Zona 2 - composta por propriedades situadas ao redor do município de São Roque;

Zona 3 - composta por propriedades no município de Salto e na Estrada de Ferro Sorocabana;

Zona 4 - composta por propriedades nos municípios de Boituva, Tatuí e Tietê; e

Zona 5 - composta por propriedades servidas pela Estrada de Ferro Paulista, que compreendia os municípios de Campinas, Itatiba e Jundiaí. Esta última zona foi por ele denominada "*como a mais importante região vitícola do Estado de São Paulo, por possuir a maior área plantada de uva do Estado e ser a principal fornecedora do produto para os mercados de São Paulo, Rio de Janeiro e interior do Estado de São Paulo*".

Informes que datam dessa época (1940) já indicavam a importância da Zona 5, pois a área plantada de uva representava 42,3% do total do Estado, sendo o então distrito de Louveira o mais importante (SECRETARIA, 1939-40).

Após 60 anos, a região continua sendo a maior produtora de uva comum de mesa Niagara Rosada, comercializada em todo o Brasil.

Dada a importância da viticultura nessa região, o objetivo deste trabalho é apresentar

¹Registrado no CCTC, IE-77/2005.

²Engenheira Agrônoma, Mestre, Pesquisadora do Instituto de Economia Agrícola.

³Geógrafa, Doutora, Pesquisadora do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Estatística, Pesquisadora do Instituto de Economia Agrícola.

⁵Socióloga, Doutora, Pesquisadora do Instituto de Economia Agrícola.

uma caracterização sócio-econômica, bem como discutir a continuidade da tradição de produzir a uva Niagara Rosada no “Pólo Frutícola Bandeirante”.

2 - MATERIAL E MÉTODO

A delimitação dos municípios neste estudo seguiu dois critérios: o tamanho da cultura (área expressa em hectares e produção anual) e localização geográfica no “Pólo Frutícola Bandeirante”. São eles: Campinas, Vinhedo, Valinhos, Louveira, Indaiatuba, Jundiaí, Itupeva e Porto Feliz.

A primeira fonte de dados para análise foi obtida por meio dos levantamentos realizados de 1998 a 2003 pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI, 2003) para esses municípios. Com base nesse material procedeu-se a:

- a) tabulação e classificação de unidades produtoras quanto ao tamanho do parreiral, em relação a uma escala logarítmica, geralmente utilizada em estudos agrícolas; e
- b) tipologia dos produtores, segundo instrução escolar, grau de absenteísmo, uso de assistência técnica e categorias de utilização de mão-de-obra.

Essas informações sofreram uma pré-ia investigação por meio da comparação com os dados do Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agropecuária de 1995-96 (Projeto LUPA) a fim de verificar sua aderência.

Para a análise da distribuição da área de uva Niagara e da área total da unidade de produção agropecuária (UPA) foram efetuados cálculos empregando-se o índice de Gini (HOFFMANN, 1967). Esse índice pode ser utilizado para medir o grau de concentração de qualquer distribuição estatística, caracterizando-a por um número adimensional classificado segundo Câmara (1949):

De 0,000 a 0,100 - Concentração nula.

De 0,101 a 0,250 - Concentração nula a fraca.

De 0,251 a 0,500 - Concentração fraca a média.

De 0,501 a 0,700 - Concentração média a forte.

De 0,701 a 0,900 - Concentração forte a muito forte.

De 0,901 a 1,000 - Concentração muito forte a absoluta.

Em relação aos preços de terras agrícolas, foram utilizadas informações do valor mé-

dio municipal de terra nua no período de 1995 a 2004, coletadas pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), consistidas e publicadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA).

Para detectar o ritmo médio de valorização do preço de terra nua na região foram estimadas taxas de crescimento com procedimentos descritos em SAS Institute (1988) e em Hoffmann (1980).

Os informes sobre rendimento, número de plantas novas e em produção, produtividade e produção da cultura foram oriundos do levantamento Previsões e Estimativas das safras Agrícolas no Estado de São Paulo do Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (IEA/CATI).

A fim de ampliar as discussões foram coletados dados primários junto aos técnicos dos municípios de Jundiaí, Indaiatuba, Louveira, Valinhos e Vinhedo.

Por fim, para estabelecer o cenário de tradição dessa região na exploração econômica da viticultura, os dados do período atual foram comparados com aqueles apresentados por Homem de Melo em seu estudo de 1945.

3 - RESULTADO E DISCUSSÃO

Os municípios que compõem a base física deste trabalho são os maiores produtores de uva Niagara no Brasil, responsáveis por 60,3% da produção paulista, que apresentou evolução de 18% no período de 1998-2003 (VERDI et al., 2005). Ao mesmo tempo, continuam abastecendo o mercado paulista, maior mercado consumidor de Niagara Rosada, bem como o mercado dos demais Estados do Brasil.

A região detém 1.438 UPAs que cultivam uva em área de 5.038ha com, aproximadamente, 24 milhões de pés. A viticultura nessa região é uma atividade agrícola típica de pequena propriedade, sendo que 50% das UPAs possuem imóveis de até 5,8ha. A cultura vem mantendo essa característica nos últimos 60 anos, dado que em 1945 a área média das propriedades da região variava entre 7ha e 12ha (HOMEM DE MELO, 1945).

Constatou-se que a concentração foi de média a forte na posse de terra, com índice de Gini de 0,63. Em todos os municípios, com exceção de Louveira (0,48) e Vinhedo (0,33), obser-

vou-se esse mesmo nível de concentração.

Quanto à distribuição por tamanho da cultura, obtida classificando-se pela área do pomar, percebe-se que são pequenos com área média de 3,5ha, concentrando-se em pomares de 2ha a 10ha. No entanto, no município de Campinas, 44,7% da área cultivada com uva rústica estão em pomares de 10ha a 20ha (Tabela 1).

Com relação à área de uva na região, esta apresentou concentração de fraca a média (0,50), indicando que, de forma geral, os produtores possuem tamanhos de pomares semelhantes. Entretanto, os municípios de Jundiaí e Valinhos apresentaram índice de 0,52 e 0,59, respectivamente, ou seja, concentração média a forte.

A característica de pequena propriedade rural ainda prevalece; a região tornou-se importante pólo frutícola com a produção não apenas de uva e figo, mas também de goiaba branca, caqui, frutas de caroço, entre outras.

A ocupação diferenciada do solo influencia na formação dos preços das terras. O preço do solo agrícola é determinado por vários fatores, entre eles pelo processo de urbanização e industrialização, fluxos migratórios internos, crescimento demográfico, proximidade dos mercados consumidores e grau de ocupação do território podendo interagir na economia local. No Estado de São Paulo, a ocupação do solo é bem definida e seu valor é reflexo, principalmente, do seu uso urbano e também da exploração agrícola (CAMARGO et al., 2004).

TABELA 1 - Percentual do Número de UPAs e Área Plantada com Uva Rústica, por Estrato de Tamanho da Cultura e por Município, 1998-2003

Estrato da cultura (ha)	Campinas		Indaiatuba		Itupeva	
	Área com uva rústica	Número de UPAs (%)	Área com uva rústica	Número de UPAs (%)	Área com uva rústica	Número de UPAs (%)
(0-1]	1,3	10,3	2,8	15,3	7,2	30,5
(1-2]	5,6	17,9	9,6	23,7	13,2	23,5
(2-5]	29,2	43,6	30,6	36,6	40,2	35,5
(5-10]	19,1	15,4	27,7	16,4	14,4	6,5
(10-20]	25,4	10,3	20,2	6,5	11,9	2,5
(20-50]	19,3	2,6	9,0	1,5	13,0	1,5
Estrato da cultura (ha)	Jundiaí		Louveira		Porto Feliz	
	Área com uva rústica	Número de UPAs (%)	Área com uva rústica	Número de UPAs (%)	Área com uva rústica	Número de UPAs (%)
(0-1]	4,4	26,5	6,5	29,6	2,1	11,5
(1-2]	11,4	23,8	13,1	24,5	6,2	15,6
(2-5]	32,2	31,8	36,2	30,6	33,9	38,5
(5-10]	28,6	13,0	28,8	12,2	38,1	22,1
(10-20]	17,9	4,3	11,7	2,6	19,2	5,7
(20-50]	5,5	0,7	3,7	0,5	0,6	6,6
Estrato da cultura (ha)	Valinhos		Vinhedo		Região	
	Área com uva rústica	Número de UPAs (%)	Área com uva rústica	Número de UPAs (%)	Área com uva rústica	Número de UPAs (%)
(0-1]	-	-	12,4	46,8	4,3	24,2
(1-2]	9,3	22,2	25,7	25,5	10,8	23,0
(2-5]	36,2	55,6	47,6	23,4	33,5	33,8
(5-10]	19,1	11,1	14,3	4,3	27,0	13,1
(10-20]	35,4	11,1	-	-	17,3	4,4
(20-50]	-	-	-	-	7,0	1,5

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em CATI (2003).

A viticultura na região estudada está localizada em terra de cultura de segunda⁶ que é definida por ser potencialmente apta para culturas perenes e outros usos. Pode apresentar problemas de mecanização devido à declividade acentuada. Porém, o solo é profundo, bem drenado, de boa fertilidade, podendo necessitar, às vezes, de algum corretivo. Presta-se à exploração de plantas perenes e pastagem que proporcionem proteção ao solo.

O valor da terra no EDR de Campinas é o mais alto do Estado de São Paulo, com valor médio da Terra Nua de segunda ao redor de R\$14 mil/ha, em novembro de 2004, maior inclusive que no EDR de São Paulo (R\$8,1 mil/ha) e que no Estado (R\$7,3 mil/ha). Nota-se valorização da terra nessa região nos últimos dez anos (Figura 1). Ao longo desse período, pode-se considerar que as taxas de crescimento do preço de terra de primeira e de segunda foram altas em Campinas e Vinhedo (Tabela 2). Isso muito provavelmente devido à "invasão" imobiliária na região, que vem avançando sobre a zona rural.

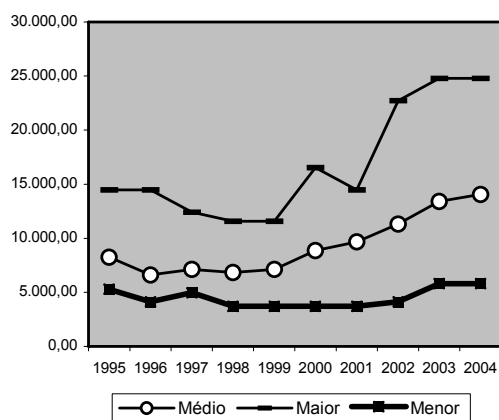


Figura 1 - Variação Percentual do Preço de Terra Nua de Segunda, EDR de Campinas, 1995 - 2004

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em IEA/CATI.

⁶As categorias de terra pesquisadas pelo Instituto de Economia Agrícola, desde 1964, são de cultura de primeira, de cultura de segunda, para pastagem, para reflorestamento e de campo. Para maiores detalhes sobre essa categorização ver Camargo et al. (2004). A definição de Valor da Terra Nua, de acordo com o Documento de Informação e Apuração do ITR (DIAT), é o valor do imóvel, excluindo os valores das construções, das instalações e das benfeitorias; das culturas permanentes e temporárias; das pastagens cultivadas e melhoradas, bem como das florestas plantadas.

TABELA 2 - Taxa Anual de Crescimento, Preço de Terra, 1995-2004

Município	Terra de primeira	Terra de segunda
Campinas	18,93 ^a	20,72 ^a
Indaiatuba	9,13 ^a	11,21 ^a
Itupeva	8,18 ^a	8,52 ^a
Jundiaí	9,92 ^a	10,63 ^a
Louveira	0,00ns	0,00ns
Porto Feliz	-0,40 ^a	-1,51 ^a
Valinhos	3,18 ^a	2,85 ^a
Vinhedo	14,43	23,89

a = significativo a 5%

ns = não significativo

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em IEA/CATI.

A maior parte da região analisada encontra-se no eixo de ligação entre a metrópole de Campinas e a metrópole de São Paulo, portanto, entre áreas de maior concentração demográfica e industrial do Estado e do País. A prática da fruticultura, geralmente mantida pela mão-de-obra familiar, em pequenas propriedades de tradição européia, aliada à excelente malha viária têm proporcionado uma bela paisagem, tranquilidade e excelente qualidade de vida, itens bastante atraentes aos habitantes metropolitanos, sobretudo os de São Paulo. Esses atrativos são utilizados nas propagandas dos condomínios de alto padrão que se propagam com elevada rapidez na região. Os paulistanos migram, não só para adquirir imóveis de lazer para fins de semana, mas também para residência principal, em alternativa a São Paulo e Campinas⁷. Torna-se cada vez mais comum paulistanos optarem por residência nas cidades do entorno metropolitano e manterem o trabalho na capital.

Segundo Homem de Mello (1945), o estabelecimento das culturas de uva e figo nessa antiga zona cafeeira trouxe como resultado o aparecimento, em grande escala, de um tipo de exploração agrícola pouco comum naquela época, as denominadas por ele propriedades de "explorações do tipo comercial", caracterizadas

⁷Para exemplificar essas afirmações, convém destacar o condomínio "Terra Magna", com 500 lotes em 500 mil m², lançado pela empresa Cia de Terras em Indaiatuba. O preço do terreno gira em torno de R\$40 mil (de R\$100,00 a R\$150,00 o metro quadrado). O valor geral de venda dos lotes (VGV) é estimado entre R\$35 e R\$40 milhões. Segundo o diretor da empresa, "a tendência é que pessoas que moram em centros urbanos migrem para o entorno, em busca de qualidade de vida", dentre os itens determinantes para essa migração e como principais vantagens para os condomínios ele destaca: segurança, área de lazer e área verde (MAIS, 2005).

pelo pleno desenvolvimento da pequena propriedade rural, com área média de 7ha a 12ha, cultivo quase exclusivo de uva e figo em cada propriedade, havendo somente pequenas áreas reservadas para outras culturas, como feijão, arroz, milho, dentre outras. A maioria das pequenas propriedades, na época, eram auto-suficientes.

Quanto à ocupação do solo agrícola pela cultura, na região em estudo, no período 1998 a 2003, cerca de 31% da área cultivada era composta com uva rústica na forma de monocultura, 15% da área apresentava combinação com gramíneas para pastagem (baqueárias, capim-gordura, capim-napier). A área de uva rústica que apresentava combinações com outras frutas era de 9%, sendo mais representativas as de caqui em 2,9% da área, morango em 1,6% da área e goiaba em 1,4% da área (Figura 2).

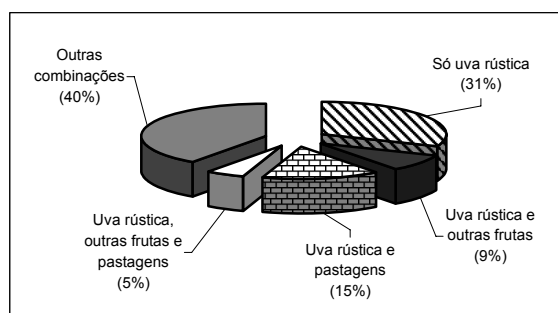


Figura 2 - Participação Percentual das Principais Combinações com Uva Rústica na Região Estudada, 1998 a 2003.

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em CATI (2003).

Quanto às combinações de culturas com a uva rústica por município, as distribuições praticamente se mantêm; entretanto, no município de Vinhedo, a monocultura era muito mais expressiva do que nos demais. No município de Itupeva, 26,7% da área era cultivada com uva rústica, também eram cultivados milho, feijão, cana-de-açúcar e gramíneas para pastagens. No município de Porto Feliz, 32,3% da área cultivada com uva estava em propriedades com olerícolas e gramíneas para pastagens. No município de Valinhos, a maior parcela estava em propriedades com cultivos de outras frutíferas, principalmente a goiaba (Figura 3).

Homem de Melo (1945) afirma que as frutas, por exigirem cultivo especial, bem diferente do usado nas demais culturas mais comuns no Estado, diferenciavam seus produtores dos de-

mais. Esses estavam de posse de uma técnica agrícola superior à média dos agricultores de outras regiões. Existia melhor nível de instrução da população rural devido à maior densidade da população e maior número de propriedades localizadas à margem das estradas, o que facilitava maior afluência às escolas do local. Havia um maior contato entre os produtores, não só devido à proximidade das unidades produtivas entre si, mas também à necessidade de eles irem diariamente às estações de embarque na época de safra. Finalmente, devido às peculiaridades comerciais desses produtos e do tipo de exploração agrícola, os sítiantes estavam em contato com os negociantes das grandes praças compradoras, fazendo com que adquirissem melhor conhecimento do comércio de produtos agrícolas. Visto que as dificuldades de comunicação na época eram grandes, esse acesso às informações do mercado comprador e a troca de informação entre os produtores poderiam ser considerados de grande vantagem. A produção era estritamente familiar.

Além da mão-de-obra especializada, o cultivo da videira requer muitos cuidados por parte do viticultor, não apenas quanto ao manejo e controle fitossanitários, mas também quanto ao planejamento de safra e escoamento da produção. O planejamento da produção é importante para essa cultura pela sua característica de sazonalidade. Um exemplo disso foi a safra 2004/05, em que houve uma concentração de oferta do produto no mercado em dezembro, resultando na queda do preço da uva.

Diante das características do manejo da viticultura e sua época de colheita, a assistência técnica tem papel fundamental, principalmente, no que diz respeito a adquirir conhecimento das exigências do mercado. Entre os produtores da região, segundo os informes do período de 1998 a 2003, boa parcela não utilizava qualquer assistência técnica, entretanto, nos municípios de Indaiatuba e Jundiaí encontrava-se o maior percentual de área com assistência técnica oficial e no município de Campinas se utilizava, em maior escala, a assistência técnica privada (Tabela 3).

Alguns fatores, como o grau de absenteísmo, instrução do proprietário, nível de organização, uso de mão-de-obra familiar e a diversidade em relação às culturas implantadas na propriedade, foram utilizados para traçar o perfil do viticultor de forma a serem indicadores de geren-

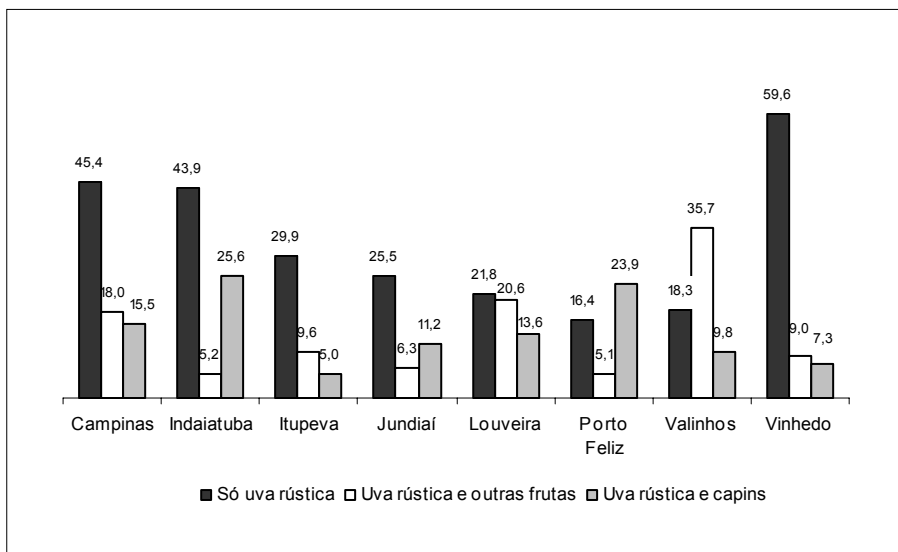


Figura 3 - Principais Combinações de Culturas com Uva Rústica por Município da Região, 1998-2003.
Fonte: Elaborada pelas autoras com base em CATI (2003).

TABELA 3 - Percentual do Número de UPAs e Área Plantada com Uva Rústica, por Tipo de Assistência Técnica Utilizada pelos Viticultores da Região e por Município, 1998-2003 (em %)

Município	Não utiliza assist. técnica		Somente assist. técnica oficial		Somente assist. técnica privada		Assist. técnica oficial e privada	
	Área com uva rústica	Número de UPAs	Área com uva rústica	Número de UPAs	Área com uva rústica	Número de UPAs	Área com uva rústica	Número de UPAs
Campinas	20,0	28,2	-	-	80,0	71,8	-	-
Indaiatuba	26,6	32,4	59,1	56,9	7,0	6,5	7,3	4,2
Itupeva	25,2	32,5	24,2	32,5	11,4	8,0	39,2	27,0
Jundiaí	26,9	33,9	60,1	56,0	5,2	4,1	7,9	6,0
Louveira	49,7	55,1	42,7	38,3	2,3	2,6	5,3	4,1
Porto Feliz	27,0	30,7	16,7	16,7	32,4	34,2	24,0	18,4
Valinhos	16,3	35,3	37,4	35,3	12,8	17,6	33,4	11,8
Vinhedo	64,8	80,9	35,2	19,1	-	-	-	-
Região	29,3	37,5	46,0	44,4	12,1	9,1	12,6	9,0

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em CATI (2003).

ciamento da propriedade, considerados variáveis importantes para determinar a capacidade de se adaptar aos novos cenários do mercado, de decodificar as informações pertinentes a novas tecnologias e a novas práticas de cultivo.

Em 10% das UPAs, os viticultores da região possuíam curso superior completo, entretanto, na análise por municípios, os viticultores de Jundiaí e Louveira possuíam índices bem menores do que a média da região. Talvez isso possa ser explicado pela característica cultural dos produtores desses municípios. Em Jundiaí, por exemplo, a colonização italiana é muito presente, as propriedades familiares foram fracionadas para os filhos dos viticultores que continuam morando nas

propriedades e trabalhando na lavoura.

Um dado relevante é a forma de organização do produtor rural da região, onde 43%, são sindicalizados e perfazem 48% da área total de uva do Estado (VERDI et al., 2005). A composição de grupos de produtores nas formas de cooperativismo, associativismo ou sindicalismo pode viabilizar a assistência técnica, otimizando lucros e criando oportunidades para pequenos produtores.

Há tentativas de organização de produtores na região, tanto em associações quanto em cooperativas, com a meta de facilitar a compra de insumos, organização da comercialização e assistência técnica para o produtor.

Diante da acirrada competitividade do negócio agrícola, a tecnologia da informação passa a desempenhar papel importante, tanto em níveis administrativos e operacionais quanto estratégicos, de forma a maximizar o potencial do negócio e minimizar perdas devido a erros de decisões tomadas pelo produtor em suas atividades agropecuárias.

Os índices de uso de computadores na atividade agrícola são mais altos nos municípios de Campinas e Indaiatuba, correspondendo a 8,7% e 10,5% da área com uva rústica, respectivamente, valores que podem ser considerados bons, se comparados com os 7% encontrados por Francisco; Pino (2002) no conjunto das UPAs do Estado; em Valinhos e Vinhedo não há índices de uso dessa tecnologia (Figura 4).

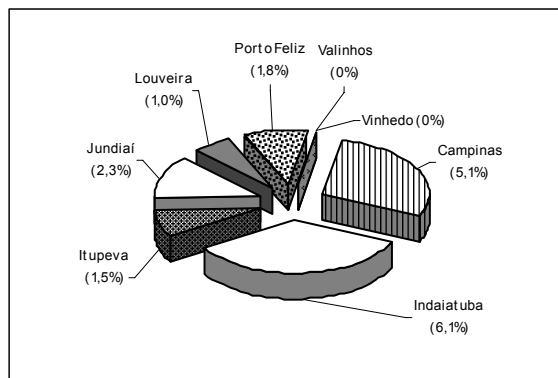


Figura 4 - Percentual de Produtores de Uva Rústica da Região que Utilizam Computador em suas Atividades Agropecuárias, por Município, 1998 a 2003.

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em CATI (2003).

Quanto ao aspecto social, o emprego no campo dá sustentação econômica e fixa o homem no meio rural, evitando, de certa forma, a migração para os centros urbanos. A demanda da força de trabalho agrícola anual para toda a agricultura do Estado de São Paulo é em média de um trabalhador para cada 10,6ha. Na cultura da uva, a média foi de dois trabalhadores para cada hectare plantado em 2002 (SENSOR RURAL, 2002).

Os números encontrados para a mão-de-obra familiar e trabalhadores permanentes nas UPAs na atividade da viticultura na região foram de 69,7% das propriedades de uva rústica com quase três (2,9) pessoas por UPA, no entanto nos municípios de Louveira e Porto Feliz as

médias são maiores. Trabalhadores permanentes aparecem em 59,6% das UPAs produtoras com média de mais de quatro pessoas (4,4) por UPA, sendo em Campinas a maior média, com oito pessoas por UPA (Tabela 4).

TABELA 4 - Mão-de-obra nas UPAs Produtoras de Uva Rústica, Região de Campinas, 1998-2003

Município	Familiares		Permanentes	
	Média (n. de pessoas)	Número de UPAs (%)	Média (n. de pessoas)	Número de UPAs (%)
Campinas	3,1	64,1	8,3	76,9
Indaiatuba	3,1	58,2	4,1	70,5
Itupeva	2,3	49,5	5,6	62,5
Jundiá	2,4	82,6	3,5	54,2
Louveira	4,0	73,0	3,3	53,1
Porto Feliz	4,3	64,9	7,6	63,2
Valinhos	3,0	52,9	4,5	64,7
Vinhedo	2,4	72,3	2,0	55,3
Região	2,9	69,7	4,4	59,6

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em CATI (2003).

Os dados demonstram a importância da viticultura na região pela demanda de mão-de-obra intensiva e qualificada, fixando o homem no campo de forma única, devido suas exigências em tratamentos culturais, tais como: podas, tratamentos fitossanitários, desbaste, amarrão, colheita e classificação.

A organização da produção na região pode ser familiar, parceria (meeiros) e arrendamento de terra para o cultivo das videiras.

Devido ao tamanho das áreas em que a uva é cultivada, muitas propriedades são familiares, sendo conduzidas única e exclusivamente pelo proprietário e seus familiares, mas a utilização de meeiros está presente na maioria das propriedades.

Segundo o levantamento junto aos produtores, no sistema de parceria, uma família de meeiros é responsável por 5.000 pés de uva (1 hectare), pois a viticultura é exigente em mão-de-obra. Nesse sistema de parceria, as despesas necessárias para a produção são cobertas pelo proprietário e a mão-de-obra deve ser fornecida pelo meeiro.

A força de trabalho advinda da parceria está mais presente no município de Indaiatuba, onde 59% das unidades possuem parceiros ou arrendatários perfazendo cerca de 70% da área, cultivada com uva rústica (Figura 5).

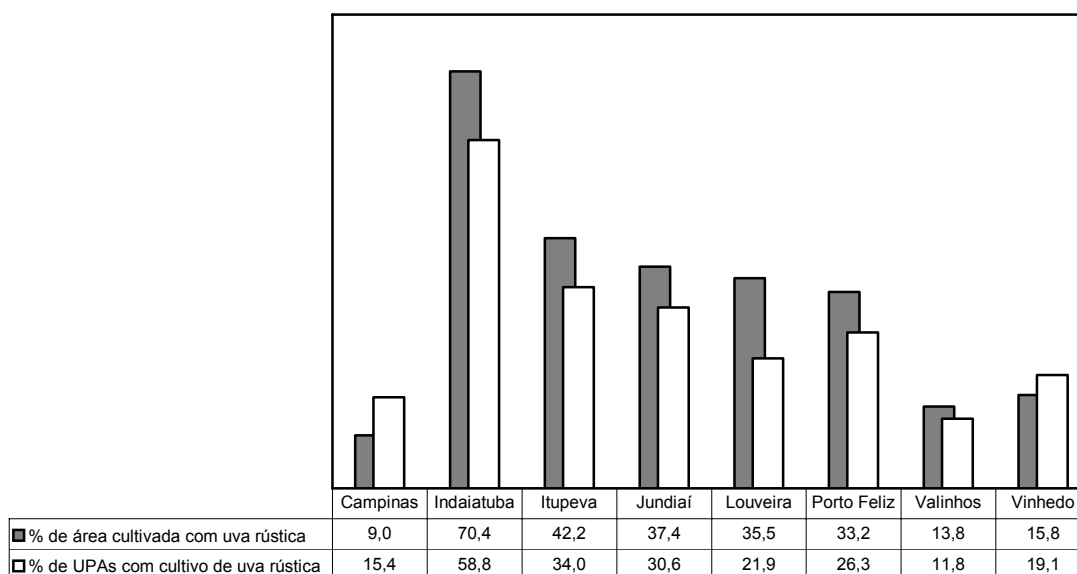


Figura 5 - Participação da Área Cultivada com Uva Rústica e Número de UPAs que Utilizam Parceiros e/ou Arrendatários por Município, 1998 a 2003

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em CATI (2003).

A mão-de-obra é um dos pontos mais importantes para a produção de uva, dela depende o sucesso do empreendimento. Há grande dificuldade por parte dos produtores de encontrarem bons meeiros. A rotatividade dessas famílias de parceiros entre propriedades é grande, o que ocasiona problemas para os proprietários, pois investem tempo e dinheiro no treinamento de mão-de-obra e, depois de uma ou duas safras, os meeiros acabam indo para outro sítio, ou seja, não há fidelidade do meeiro com o produtor. Mas, em contraponto, existem parcerias de sucesso e bastante duradouras. Há uma preferência dos proprietários em não utilizar meeiros com “vícios” das roças dos outros produtores. Boa parte da mão-de-obra arrematada no passado vinha do Estado do Paraná. Com o passar dos anos, esses meeiros retornaram às suas regiões e iniciaram o plantio da cultura, como é o caso dos municípios de Rosário do Ivaí e Japira, onde parte dos viticultores já foram meeiros no Estado de São Paulo.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características regionais apontadas por Homem de Melo há 60 anos ainda podem ser consideradas como pontos de diferenciação dessa região nos dias atuais.

A tradição da viticultura ainda é forte na

região, tanto nos centros urbanos quanto na área rural. Os conhecimentos tácitos sobre a cultura que vêm sendo passados de geração a geração, as características da pequena propriedade familiar, o uso intensivo de mão-de-obra qualificada fazem com que a qualidade da uva rústica seja respeitada, ainda hoje, em todo País. Tais elementos constituem recursos territoriais específicos e contribuem para a maior competitividade da produção regional.

Essa fruteira tem grande importância sócio-econômica na região. No entanto, tem sofrido diversas pressões que podem colocar em risco sua sustentabilidade. As regiões produtoras próximas aos grandes centros urbanos sofrem continuamente pressão imobiliária que, associada ao empobrecimento do solo e ao aparecimento de novas pragas e moléstias, eleva o custo de produção sem retorno no preço do produto no mercado. Para que a cultura permaneça nessas regiões existe a necessidade de discussão e busca de soluções para tais problemas.

Por outro lado, a proximidade geográfica aos centros urbanos, principalmente às metrópoles de Campinas e São Paulo, merece ser mais bem explorada. A excelente malha viária instalada, aliada às menores distâncias podem representar importantes vantagens aos produtores regionais, quando comparadas às demais áreas produtoras do Estado e do País. Tais van-

tagens constituem recursos que não devem ser ignorados no planejamento da produção e comercialização regionais.

Tendo em vista que a concentração foi de média a forte na posse de terra, com índice de Gini de 0,63, comprovou-se que a viticultura é praticada em pequenas propriedades familiares, e, sendo assim, qualquer ação de política pública que venha a ser tomada na região incidirá diretamente em uma grande porcentagem da população rural local. Além do mais, contribuirá para a fixação da população, evitando a intensificação do êxodo rural e a precarização das condições de vida nos centros urbanos, já que esta população

rural é altamente especializada na produção de frutas.

A necessidade de se levantar o que já está sendo feito nos municípios tradicionais produtores, articular a participação de todos os agentes presentes no negócio da uva e elaborar um diagnóstico da situação atual dessa atividade constituem etapas importantes e conformam uma base única para desenvolver um planejamento da produção, adotar estratégias para garantir a sustentabilidade da viticultura no local e promover novas perspectivas aos produtores da região.

LITERATURA CITADA

CÂMARA, L. A concentração da propriedade agrária no Brasil. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 77, p. 516-528, 1949.

CAMARGO, A. M. M. P. et al. Valorização da terra agrícola conforme o uso regional do solo no Estado de São Paulo, **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 28-40, jan. 2004.

COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA INTEGRAL - CATI. Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do estado de São Paulo. São Paulo: CATI/SAA, 2003. Não publicado.

FRANCISCO, V. L. F. S.; PINO, F. A. Farm computer usage in São Paulo State, Brazil. **Revista Brasileira de Agroinformática**, v. 4, n. 2, p. 81-89, 2002.

MAIS de mil lotes no interior paulista. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 1 set. 2005. Caderno Administração & Serviços.

HOFFMANN, R. **Contribuição à análise da distribuição da renda e da posse da terra no Brasil**. 1967. 65p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba.

_____. **Estatística para economistas**. São Paulo: Pioneira, 1980. 379 p.

HOMEM DE MELO, M. D. **Estudo sobre a comercialização de figos e uvas em São Paulo**. Campinas: IAC, 1945. p.439-556.

SAS INSTITUTE. **SAS language guide**: release, 6. 3.ed. Cary, NC, 1988.

SENSOR RURAL. São Paulo: SEADE, ago. 2002. Disponível em: <www.seade.gov.br>. Acesso em: 15 jun. 2005.

SOUSA, J. R. I. et.al. **Uvas para o Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1969. 456 p.

VERDI, A. R. et al. Arranjo produtivo local: identificações de possibilidades da viticultura na região de Campinas. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v.52, n.2, p.73-86, 2005.

TRADIÇÃO DA UVA NIAGARA NO ESTADO DE SÃO PAULO

RESUMO: *A uva Niagara Rosada, variedade comum de mesa mais cultivada e consumida no Brasil, teve seu berço em Jundiá em 1933, operando, em pouquíssimo tempo, radical transformação na estrutura vitícola paulista. Neste artigo, a tradição da viticultura foi comprovada a partir dos informes dados de 1945, comparados com os dados de levantamentos censitários de 1998 a 2003. A viticultura*

nessa região vem sendo, nos últimos 60 anos, uma atividade agrícola típica de pequena propriedade, onde o uso de mão-de-obra familiar é característica local. Políticas públicas que venham a ser adotadas na região incidirão em grande porcentagem da população local.

Palavras-chave: viticultura, fruticultura, ocupação de mão-de-obra.

THE TRADITION OF THE FOX GRAPE IN THE STATE OF SÃO PAULO

ABSTRACT: Fox grape (*Vitis labrusca* L.), the most widely grown and consumed table grape variety in Brazil, had its origin in 1933 in the Jundiaí region and soon transformed the structure of the state's viticulture. In this paper the viticulture tradition was proven correct, though the comparison of reports dated from 1945 with the 1998-2003 census surveys. Insofar as over the last 60 years viticulture in this region has been characterized by small family run vineyards, any public policy adopted in the region will significantly affect the local population.

Key-words: viticulture, fruitculture, family labor force.

Recebido em 22/09/2005. Liberado para publicação em 20/10/2005.